

Ipatinga (1950-64): Apontamentos sobre a constituição de uma cidade siderúrgica.

GERALDO VINICIUS RIBEIRO FREITAS*

Essa comunicação tem como finalidade ressaltar alguns pontos em relação a pesquisa que compreende os anos de 1950 a 64 na região onde se formou a cidade de Ipatinga, região metropolitana do vale do aço, leste de Minas Gerais. Ipatinga está localizada a 235 Km de Belo Horizonte, exatamente na bifurcação do rio doce com o rio piracicaba em direção ao estado do Espírito Santo. Sua emancipação política ocorreu em 29 de abril de 1964, menos de um mês após o golpe militar. É uma cidade relativamente nova.

Um resumo sintético da história desse trecho de Minas seria assim: em 1622 a coroa portuguesa declara guerra aos índios botocudos com o intuito de colonizar a bacia do rio doce (GUERRA, 1977: 35-39). Ainda, em 1904 existiam conflitos entre indígenas quando começa a construção da Estrada de ferro Vitória a Minas; em 1933, surge um pequeno vilarejo as margens dessa ferrovia cujos trilhos já chegavam à região que seria a futura cidade de Ipatinga. O vilarejo que se formou tem esse nome e até 1956 não possuía mais que trezentos habitantes que se ocupavam de agricultura rudimentar e da derrubada das matas para fabricação de carvão que abasteceria os autofornos da Companhia Belgo Mineira. Em 1956 tudo mudou drasticamente; começa a construção da Usina Siderúrgica de Minas Gerais. Em um prazo de poucos anos, essa região sofreria uma transformação antes impensável.

O que existia antes e o que se formou de relações humanas durante esse processo de construção é o desafio. Para isso me apoiei em trabalhos da linha Trabalho e Movimentos Sociais somados a contribuição de outros a destacar os textos da Professora Sonia Regina de Mendonça e E. P. Thompson, especificamente *Padrões e*

* Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista Capes. Orientado pelo Prof.Dr. Paulo Roberto de Almeida.

Experiências contido no segundo volume de *A Formação da Classe Operária Inglesa* utilizado como estratégia de reflexão a respeito das circunstâncias particulares em relação à formação de uma classe de trabalhadores nos quesitos de moradia, alimentação, segurança, ou seja, a qualidade de vida.

Anteriormente à construção da USIMINAS, Ipatinga pertenceu a dois municípios e somente se tornou distrito em 1953, depois da Vila de Barra Alegre, que viria a ser um dos bairros atuais da cidade. As duas vilas têm diferenças entre a formação, cultura e características sociais, mas se comunicavam; a Vila de Barra Alegre tem sua origem impresumível em todas as fontes que dispomos e com certeza é o lugar mais antigo da futura cidade. A partir de 1953, as duas passam a pertencer ao município de Coronel Fabriciano.

Com o processo de construção da Usiminas na segunda metade da década de 50 o vilarejo de Ipatinga com cerca de trezentos habitantes passa a crescer várias vezes e contar com aproximadamente 10 mil pessoas entre 63-64. A empresa construiu alguns alojamentos para seus funcionários, mas boa parte das acomodações era precária. Nesse tempo o vilarejo cresceu em péssimas condições.

Anterior a Usiminas as pessoas se ocupavam de produzir carvão derrubando a mata, no demais eram comerciantes. Isso falando de maneira reduzida. Ser carvoeiro ou comerciante nessa vila representa uma gama de pequenos empreendimentos para sobreviver, ofícios que dependiam de relações voltadas hora a ajuda mútua, hora a tensões. Mesmo anterior a esse processo de construção a vila de Ipatinga era narrado como um local penoso para se residir: malária, acidentes com ofídios, sem luz, distante de centros urbanos e já com um crime causado por arbitrariedade policial.

Nos anos de construção da siderúrgica, houve um movimento pela emancipação do município. O jornal *O Ipatinga*, lançado em abril de 1963, foi uma das tentativas de unir forças para esse empreendimento. Sobre o que a prefeitura de Coronel Fabriciano achava dessas tentativas, o senhor José Carvalho diz:

P: O prefeito de Fabriciano sabia desse movimento?

J. Carvalho: Sabia e nos negou tudo. Eu fui eleito presidente da associação. Depois, quando a gente criou uma comissão composta também pela UDN, comecei a tirar fotografias e a fazer tudo que a lei pedia para a emancipação, isso já em 1962, 1963. Assim, reunimos a documentação necessária e tivemos que pegar alguns documentos na prefeitura. O prefeito nos negou, dizendo que seríamos eternamente feudo da Usiminas. (PMI, 1991:31)

A afirmação que a localidade seria *eternamente feudo da Usiminas* faz com que me questione sobre qual aproximação existiria entre o que acontecia em nível nacional e a particularidade das situações vividas no processo de construção da siderúrgica. Em 1956/57 começou a construção das Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais e um dos pequenos povoados passa a ver seu crescimento demográfico acelerado. Ele já tinha eminentes problemas humanos e sociais. Com a construção da usina, os problemas se agravaram e evidenciaram uma trajetória de tensões sociais, que são sentidas nas entrevistas, jornais ou outras publicações, antigas e recentes. Surgem tensões de diversas dimensões que culminam em um incidente conhecido como *o massacre de Ipatinga*, que não se traduz apenas por incidente isolado, mas pelo acúmulo de muitas violências.

Nas entrevistas produzidas sobre o assunto, destacamos o primeiro contato das pessoas com a região. Na trajetória de suas vidas, elas relatam suas lembranças para na seqüência destacar as mudanças ocorridas. De início destaco duas falas para indicação do primeiro contato dos moradores com a região e as formas de acomodação.

PR- E aí quando você chegou lá, você foi morar onde?

Ed- Aí chegamos lá, de BH pra lá nós fomos de ônibus, chegando em Ipatinga, lá dentro de Ipatinga, onde é a agência da Telemig, sabe onde é? (PR – sei) em frente aquele prédio, aquele prédio ali, aquele prédio ali em baixo era a Rodoviária, era um bar. Era o ponto de ônibus final. E aquela rua meio diagonal, você saindo assim daquele bar lá, depois eu desenho aqui no papel pra você, até chegar na rodovia que era tudo cascalhado, ali não tinha casa, não tinha nada, era só eucalipto. Então ali nós chegamos e ficamos esperamos ali. Então eles pegaram uma condução lá, um caminhão e nos levaram lá pro Amaro Lanari (PR – que era a antiga Candangolândia). É, era a antiga Candangolândia. Então ali nós nos instalamos e ali nós ficamos.

PR- E como era esse alojamento lá, era bom, era de alvenaria, como era?

Ed- Alojamento de madeira, eram galpões compridos, alojamentos de madeira com quartos para quatro, tipo beliche.

PR- Banheiro coletivo?

Ed- Banheiro coletivo.

PR- E como você fazia pra lavar a roupa, essa coisa toda?

Ed- Alguns lavavam a roupa lá mesmo, porque tinham os tanques lá, alguns lavavam lá. Outros igual a mim e outros, nós pagávamos pra lavar, inclusive quem lavava pra mim era a minha sogra.*

P: O senhor chegou a Ipatinga em que ano?

J. Carvalho: Em 1959, de Braúnas, Minas Gerais.

P: Como era Ipatinga?

J. Carvalho: Quando eu cheguei, Ipatinga praticamente não existia. A Avenida 28 de abril chamava-se Rua do Comércio e havia ali poucas casas. O resto era mato puro. Não havia água, rede de esgoto, rede pluvial, rede elétrica. Nós compramos um lote na Rua Mariana, de Domingos Anício. A gente construiu com a maior dificuldade porque não havia pedra, tijolos, nada. Em Salto Grande eles estavam terminando as obras da usina hidrelétrica e estavam vendendo casas populares. Compramos uma, desmanchamos e transportamos para cá. Depois abri uma mercearia no lote e comecei a vender suprimentos para empreiteiras recém-instaladas.

P: Que comércio existia aqui?

J. Carvalho: Na época, Raimundo Anício tinha um bar e uma mercearia. O João Dominginhos tinha mercearia. Raimundo Nonato Vieira tinha uma farmácia. Os meninos do Zeca Furlanato, Inhô e Nelci tinham uma loja de tecidos. Zé Drumond também tinha uma loja de tecidos. Mas o mercado era muito pequeno, só vendia para pessoas da roça e os carvoeiros. Na medida em que as empreiteiras foram chegando, o mercado começou a acelerar. Só que era uma dificuldade tremenda, porque, quando chovia, o caminhão que trazia a mercadoria atolava na estrada e tínhamos que arrumar um trator para tirá-lo. Para alguém comer carne, era necessário pegar o trem que vinha de Vitória e ir até Fabriciano. Depois esperar o trem voltar. Então a gente ficava o dia todo para comprar um pedaço de carne. Água, tinha um cidadão que tinha uma mina d'água e vendia. Havia o senhor Dolfo que tinha uma carroça. Ele descia a rua Araxá e enchia um tambor de 200 litros. Vendia cada lata de 30 litros por dois cruzeiros. Na época, a gente não tinha a quem recorrer. Procurávamos o prefeito de Cel. Fabriciano que se chamava Raimundo Alves de Carvalho e ele falava que nada podia fazer. Teve uma vez que pedimos um caminhão para facilitar nosso trabalho e ele respondeu para gente se virar sozinho. (PMI, 1991:31)

As duas citações representam parte dos modos de migrações. Num primeiro momento, temos a tentação de identificar, através das fontes, uma relação que os migrantes que se originaram de regiões próximas ao leste de Minas vieram com o intuito de dar continuidade ao que já faziam antes. O que em cada uma das citações é demonstrado pelo senhor José Carvalho e sua inclinação para o comércio e pelo senhor Edson Farias ressaltando que sua sogra era quem lavava sua roupa. Uma tentação perigosa porque as fontes, apesar de volumosas, não apontam para estatísticas precisas.

* Entrevista com Edson dos Santos Faria produzida por Paulo Roberto de Souza. Uberaba, 2006.

O que se constatou de conclusivo nos diversos modos de imigração e uma relação contraditória entre grande empresa se instalando em Minas Gerais e a precariedade da região que foi instalada. Quem não veio com expectativa de conseguir emprego diretamente na usina, teve estímulo de continuar seu ofício anterior numa realidade que fornecesse mais alternativas para o crescimento. Direta ou indiretamente, a motivação era a Usiminas.

Antes um número reduzido de trabalhadores cujos afazeres se resumiam a derrubar a mata, fazer carvão, o pequeno comércio e a agricultura rudimentar. Nesse momento, as casas eram de adobe e algumas de tábuas. Na época da construção da Usina, as pessoas que não conseguiam emprego com maior rapidez moravam de maneira precária e improvisada nas imediações da pequena vila que seria o futuro centro da cidade. Isso é constatado em diversas narrativas como a seguir. Mesmo sobre a tutela da Usiminas, havia distinção entre os alojamentos.

“NA PRÓPRIA FÁBRICA.....

É.....restaurante popular né.....era no Horto.....no bairro do Horto, um dos bairros principais lá.....e.... mais pra cima, tinha um alojamento de alvenaria, numa grota lá, chamava Santa Mônica, inclusive o nome do bairro lá, Santa Mônica.....*mas quando eu morava nesse alojamento na Candangolândia, de madeira*, era pintado com tinta de cal, era coisa ruim mesmo, os barreros tudo pro lado de fora, o vaso não tinha vaso, era aquelas privada turca, que eles fala né.RS....RS....”* (*grifos meus*)

“- E NESSAS CARTAS QUE ELE ESCREVIA... QUE QUI ELE FALAVA DE IPATINGA, SE ERA UMA CIDADE OU ... SE ERA UMA CIDADE DO FUTURO... ALGUMA COISA NESSE SENTIDO.. ELE FALAVA?

Bom muitas vezes eu acho assim que ele poderia até ver um futuro né... mas... que era muito difícil... isso até mesmo quando a gente mudou, a gente viu a dificuldade... tinha muita dificuldade mesmo... porque... ipatinga era... a gente num tem como explicar porque.... a cidade sem condições... o povo morava... em barracos... . debaixo de carroceria de caminhão... uma carroceria, qualquer coisinha eles moravam... num tinha... num tinha sanitário... num tinha água direito... nem nada né... e até mesmo... porque ele reclamava... tinha gente assim... eles matavam porco assim... no meio da rua... ao ar livre... matava porco.. distinchava... ali vindia... cortava, vindia... pro povo... era coisa assim ... muito... muito sem higiene né... sem condições de... apesar de que, que de onde a gente morava... a gente achava aquilo muito sem condições... muito sem higiene..”†

* Entrevista com o senhor Moacir Lacerda produzida por Paulo Roberto de Souza. Uberaba, 2006.

† Entrevista com Iracilda Angela de Souza produzida por Paulo Roberto de Souza. Uberaba, 2006.

O caráter de improvisação e precariedade nas dificuldades sentidas quando os entrevistados recordam suas trajetórias de vida em Ipatinga nessa época contrasta com a imagem que temos hoje de cidade muito urbanizada. Antes dos assassinatos de 7 de outubro houve pelo menos duas investidas da Associação dos Amigos de Ipatinga para se conseguir a emancipação política do distrito, essa organização que surgiu com esse fito era composta em sua maioria por pessoas que não estavam no quadro de funcionários da usina, mesmo assim sentiam que a situação estava insustentável pela forma como a burocracia política entravava, dificultava ou impedia qualquer tentativa de melhoria da realidade local.

Para o responsável imediato do distrito o prefeito de Coronel Fabriciano a responsabilidade dessa região era um suserano chamado Usiminas, a diretoria da Usiminas na pessoa do senhor Gil Guatimosim Junior declara que existia um impasse: *ou se constrói uma cidade ou se constrói uma siderúrgica* (RAMALHO, 2006:45). As duas tentativas de emancipação foram negadas. Após sete de outubro de 63 e com o golpe militar de 64 é concedida e acompanhada bem de perto pelos aparelhos da ditadura o que demonstra que o interesse mudou drasticamente.

O episódio conhecido como massacre de Ipatinga parece refletir uma série de tensões sentidas pelos novos e velhos habitantes da vila de Ipatinga, que nas palavras do antigo pároco de Cristo Rei, Padre Miranda: *o vale do aço é uma região tensa por natureza. Tensões individuais não, mas em geral sim* (PMI, 1992:72). Uma região que convivia com uma série de problemas com apenas trezentos habitantes passa a enfrentar uma trajetória de agravamento imensurável em virtude do enorme contingente de trabalhadores que vieram em virtude da construção dessa siderúrgica.

Até aqui temos clareza que se constituiu um universo de tensões a serem diferenciadas. Havia sim uma hierarquia entre os funcionários quanto à alimentação, moradia, além da questão salarial, mesmo que não houvesse maneira de se isentar de algum grau de tensão. Uma das demonstrações claras disso são as formas de vigilância e policiamento.

“Mas a Usiminas ela tinha um problema sério porque era muita gente, só existia praticamente homem ali, quando alguém via uma mulher, aquilo parece que era igual uma gota de melado e as abelhas todas ali, era um enxame. Então ali começou, dava muita confusão do lado de fora e o pessoal muitas , a maioria do pessoal lá trabalhava armado. Armado assim: era faca, punhal.

PR- E ninguém controlava isso não?

Ed- As portarias não controlavam, então o que a Usiminas fazia? Ela pedia o policiamento, o policiamento então, junto com o setor de vigilância dela, que não era pessoal qualificado, ela fechava as portarias todas e em cada blitz, só saía o pessoal todo por uma portaria. Então ali ficava aquele batalhão de gente que eu não sei de onde é que vinha, se vinha de Governador Valadares, se vinha de Belo Horizonte, só que eram muitos policiais, e todos eles fortemente armados. Então ali eles davam blitz no pessoal todo, então ali, no final das blitz ali, eles encontravam feixes e mais feixes de armas, armas brancas que eles consideravam, algumas até feitas lá dentro mesmo e esses feixes eram um metro, um metro e meio de altura...

PR- Só de armas? E esse pessoal da polícia que chegava lá era a Usiminas que chamava?

Ed- A gente não sabia ao certo, mas tudo ali tinha o dedo da Usiminas. Até fora da Usiminas, os policiais quando davam blitz nos setores lá da cidade, tinha o dedo da Usiminas, porque nós funcionários se estivéssemos com o crachá, o cara dava a blitz e estava liberado, mas se não tinha o crachá, se não tinha uma carteira profissional, eles levavam a gente lá pra delegacia, para averiguar o que estava fazendo, porque estava ali, e muita das vezes ele entrava no pau.

PR- Quer dizer que a salvação era carregar o crachá?

Ed- E lá, a única zona boêmia que tinha lá em Ipatinga era o Joá, que era um beco, onde você pra entrar pra lá passava era de um em um, era uma porteira, aquela tipo de fazenda, tipo de um “esse” (S), então passava de um em um. Tinha que ser ali e muitas vezes ficava um policial ali.”*

Em outras entrevistas vemos que, em alguns momentos, a posição que a pessoa exercia na hierarquia do trabalho poderia salvaguardar um tratamento diferenciado e que de vez em quando nem essa distinção se estabelecia. O fato de ter que se controlar um efetivo grande de pessoas formado em sua maioria por homens, e em determinados graus de dificuldades, fica evidente nas narrativas. Podemos estabelecer as questões correlacionando às tensões enfrentadas pelas mulheres, mães presentes em narrativas de homens como a do senhor Edson, e em esposas de outros funcionários, como a narrativa da senhora Maria Aparecida Lott.

PR- outra coisa, esse pessoal que foi pra lá foi sozinho, depois que levaram as famílias. A situação de uma mulher na cidade deveria ser bem complicada não é?

* Entrevista com Edson dos Santos Faria produzida por Paulo Roberto de Souza. Uberaba, 2006.

Ed- Você não via uma mulher na rua. Porque elas mesmas tinha por lema não sair sozinha, pois quando saía sozinha eram chamadas de cambriaxos. E nós era chamado de candango, peão.*

Firmo: as portaria chega, tem 200, 300 homem dentro dum carro daquele...

Entrevistador: do caminhão?

Firmo: é um caminhão.

M^a Aparecida: não, não chamava (papa-fila)

Firmo: (papa-fila)

M^a Aparecida: era um ônibus grande que eles arranjaram aqui ó...

Firmo: cabia 200 pessoas dentro dele..

M^a Aparecida: ia daqui na esquina

Entrevistador: nossa!!!

Firmo: tinha as carreta aqui ó...

M^a Aparecida: aqui era uma loucura, mulher num podia andar aqui não, sabe porque, andar sim, mas tinha que ficar calada, porque era muita gente é desordenada, peões estranhos, de outros...outros Estados que vieram trabalhar aqui, pegava a gente aqui a qualquer hora, até com o sol quente..†.

Em trabalho de reflexão durante o processo de orientação e várias atividades fomentadas pelo núcleo de pesquisa em cidade, trabalho e movimentos sociais, pudemos refletir com clareza que o processo de constituição da classe operária em Ipatinga surge entre tensionamentos. Concomitantemente a esse processo, há iniciativas de emancipação de uma quase *não cidade*. Digo isso, pois a possibilidade de emancipação surge em decorrência ou resposta dos acontecimentos de 7 de outubro de 1963. Após a emancipação em 64, o vilarejo de Ipatinga continua sem água, sem luz, com ruas de terra, *no calor muita poeira e na chuva muito barro* (PMI, 1991:31). A câmara dos vereadores só foi inaugurada em 65 e a prefeitura permaneceu em espaço provisório até a década de 70, onde, na cidade, já não se matavam porcos na rua, mas ainda os criavam perto de casa. Enfim, tudo estava a se fazer.

O que promoveu essa emancipação pode estar relacionado a uma conclusão efetiva que a situação chegou a um nível dramático em meados de outubro de 63, não sendo menos expressiva anteriormente, mas o projeto de desenvolvimento que trouxe o presidente JK e outras eminentes autoridades, a inaugurar uma pedra fundamental e discursar em um palanque improvisado de tábuas num lugar que tinha muito poucos para ouvi-los, foi vivenciado de maneira conflitante

* Idem. Ibidem.

† Entrevista com Firmo Lott e Maria Aparecida Lott produzida por Geraldo Vinicius Ribeiro Freitas. Ipatinga, 27/08/2007.

O trabalho das professoras Sonia Regina de Mendonça e Heloisa Helena Pacheco Cardoso colaborou para o entendimento das formas que os projetos de desenvolvimento foram se estabelecendo no Brasil e em Minas. Durante o Governo JK, o modelo de desenvolvimento previa uma atenção particular sobre essa região nos binômios energia e transportes, ao qual a região de Ipatinga estava bem localizada para realizar tal empreendimento e ainda contemplar um projeto já resenhado no governo de Getúlio Vargas. Mas, o que não se concretizou nem na prancheta de elaboração dos projetos, nem na realidade promovida pela construção da siderúrgica, foram estratégias de promoção de qualidade de vida humana paralela à produção de capital. Retornando as palavras do então presidente de operações da Usiminas na época, o senhor Gil Guatimosim Junior, existia um impasse: *ou se constrói uma cidade ou se constrói uma siderúrgica* (RAMALHO, 2006: 45). Esse impasse, que representa uma postura em relação à realidade dos trabalhadores e dos demais habitantes de Ipatinga, se traduziu em um incidente que foi noticiado como “*chacina*” pela revista *O Cruzeiro*, de circulação nacional.

Na manhã de 6 de outubro de 1963, os trabalhadores se reuniram pela primeira vez em assembléia para decidir sobre reajuste salarial dentro de um dos refeitórios da Usina Intendente Câmara. No final da tarde, houve um desentendimento entre operários e vigilantes na saída de turno que resultou em violência; os operários reagiram contra os vigilantes e, pelo que sabemos os vigilantes, num primeiro momento em desvantagem, levaram a pior e partiram para a revanche dentro do alojamento Chicago Bridge, com a ajuda da cavalaria montada local. Houve mais violência, tortura e a indicação de uma morte e diversas prisões. Alguns operários fugiram e arregimentaram um contingente muito maior de trabalhadores e decidiram parar a usina. Na manhã do dia sete, cerca de cinco mil pessoas estavam na porta da usina. Foi preparado durante a madrugada um pelotão do Exército que veio de Belo Horizonte, não contendo mais que vinte soldados. Os ânimos aumentaram e os militares dispararam durante quarenta minutos. Os números oficiais são de sete mortes, o que é altamente discutível. Essa é apenas uma versão construída em virtude da cronologia dos acontecimentos desses dois dias. Os entrevistados dão prioridades diferentes aos fatos que julgam ter mais importância entre as possíveis formas de narrar.

Por ocasião da CPI da Assembléia Legislativa de Minas Gerais para a apuração dos incidentes em 1963, as testemunhas que tomaram parte dos ofendidos, os senhores Geraldo Reis Pereira e José Deusdedith Chaves construíram uma paisagem do martírio, concepção de que esses assassinatos configuram como *o massacre dos trabalhadores da Usiminas*. Em 2006, há uma reestruturação da reflexão quando Marilena de Assis Tuler Ramalho escreveu em sua dissertação intitulada *O massacre de Ipatinga: “o contexto político do golpe de 1964 através de um estudo de caso.”* Ela não se apóia totalmente nessa premissa. Ao invés disso, constrói a idéia que a primeira instância para o entendimento do massacre é o contexto político do Brasil pré-64. Não podemos desvincular esse acontecimento do que ocorre no Brasil na década de 60. No entanto, os acontecimentos de outubro de 1963 têm particularidades bem localizadas, além de remontar a um processo de acontecimentos bem anteriores aos incidentes dos dias seis e sete de outubro de 63, uma somatória de tensões que se originaram anteriormente à chegada das empreiteiras para a construção da Usina Intendente Câmara. Mas em natureza são tensões diferenciadas, as do Brasil pré-64, as da antiga vila de Ipatinga e as ocorridas durante a construção da usina.

Isso pode ser sentido nos significados que as narrativas impõem aos fatos. Quando consultei o senhor Manoel Valadares sobre o *massacre*, ele começou sua narrativa citando uma decisão política que não vinha diretamente da Usiminas, mas sim da prefeitura de Cel. Fabriciano, um curral de conselhos para obrigar os moradores a não criar animais soltos nas ruas. Alguns entrevistados ora identificam o massacre como a imagem da revolução, talvez por ter se tornado célebre o bordão “*revolução democrática de 1964*” para minimizar a imagem do golpe e da ditadura que se implantou nesse país pouquíssimo tempo depois desse incidente, ou mesmo porque essa imagem de revolução em Ipatinga pode surgir inclusive da constatação que fato igual somente seria traduzido por algo impensável na vida cotidiana e coincidente com representações que mesmo os mais simples podem estabelecer através de filmes, ficções ou narrativas jornalísticas sobre guerras.

Mas o que aproxima o depoimento de pessoas que não eram funcionários da Usiminas, como o senhor Manoel Valadares, de gente que vivenciou os acontecimentos, como funcionários ou outros presentes à porta da empresa na manhã do dia 7, são os

indícios de um acúmulo de tensões diferenciadas que poderiam gerar qualquer situação. Relacionando pistas às perguntas podemos imaginar outras dimensões desse problema. Uma pergunta que não vai ser respondida oferece indicações desse acúmulo de tensões diferenciadas: quantas vítimas teriam perdido a vida nesse dia? Sabemos que na noite do dia 6 houve a indicação de pelo menos uma morte no confronto do alojamento. Perguntados sobre esta estimativa, as pessoas se dividem em alguns pontos.

“PR- Então a polícia atirou na ambulância também?”

Ed- Atiraram sim pra poder acabar com o pessoal mesmo. *Mas a maioria do pessoal que morreu na época era pessoal de idade* que não tinha condições de correr como deveria correr. Então a maioria do pessoal que morreu lá era pessoal de idade, *aquele pessoal humilde que trabalhava na empreiteira. E funcionário dela que morreu, que me lembro, eram dois ou três só, (inaudível) era um por mil.*

PR- Mas morreu tanta gente assim?

Ed- Morreu muita gente.

PR- Tem idéia da quantidade?

Ed- Não, idéia não tenho não. Mas em termo assim de pessoal que ficou machucado, é... aproximadamente uns oitenta no mínimo. Uns oitenta no mínimo. Alguns foram é... a ambulância estava socorrendo esse pessoal, ela, como eu falei, ela fortemente perfurada, a sirene aberta das duas, você via assim, parecia um campo de batalha, aquela poeira, aquela nuvem de poeira, tampando tudo ali. Aí depois eles saíram no sentido do Escritório Central.

PR- Eles quem, a polícia?

Ed- Entraram no carro deles no sentido do escritório central, atirando em quem achasse pela frente. Talvez de medo. Então eles falaram: “ao invés deles me matarem, eu vou matar eles”, então saíram atirando ali e ao invés de irem para Ipatinga, eles entraram depois de Ipatinga naquela estrada que vai para o... Bom Jardim, aqueles cantos ali. Ali tudo era terra era mato, e se esconderam naquele morro no alto ali.”*

“(…), nisso chega o caminhãozinho opel da polícia, com cara de metralhadora, tripé em cima do coisa, fuzil, revólver, em cima do caminhãozinho.....nisso aquele pessoal ajuntano, ajuntano.....tinha muita valeta aberta, aqueles mundo de terra, aí nisso depois de certo tempo, um lá joga uma pedrinha na polícia.....aquele alvoroço de gente, outro começa a jogá.....começa a chovê pedra em cima deles, torrão né, torrão de terra.....eles abre fogo no pessoal, de metralhadora.....tinha aqueles cara com bandeira, aqueles pessoal protestano, agitano.....sei lá....com bandeira tal, e eles metralhamo todo mundo.....eu pulei nos trilho, deitei atrás dos trilho, tinha uma valetazinha, muita gente pulando dentro da valeta e tinha gente quase sendo soterrado, porque o pessoal pisava no monte de terra ao lado, e o cara lá abaixadinho assim, eu não vou pulá dentro da valeta.....que eles chegam aqui corta tudo no tiro, aí eu rastejano, eu tava novo num tinha nem 22 ano, saía rastejano assim, e a bala comeno.....aquelas bala passava por cima da minha cabeça....igual esses besouro mangão que tem nas flor.....pruuu.....pruuu.....desse jeito.....aqueles tiro....e tinha um cabo lá com 45, a polícia usava 45 né, catano assim um por um assim, os cara

* Entrevista com Edson dos Santos Faria produzida por Paulo Roberto de Souza. Uberaba, 2006.

deitaram né, aqueles cara em pé, aqueles morreram....então é....eu consegui corrê, muita gente foi pro Horto, que é logo assim uns 300 a 500 metro da garagem, não sei se ocê conheceu lá essa área, ficou (.....), todo mundo assustado....aí por fim o carro da polícia foi embora, eles subiram o caminhãozim, o caminhãozim num quis pegá, tiveram que empurrá....e....o cara....o motorista afobo né, na hora lá, deixô o caminha afogá....aí eles fugiram pra Ipatinga, tinha asfalto....*dizem que tinha um ceguinho lá, atiraram no ceguinho....atiraram no ambulatório da usina que é ali perto do....do escritório central né, e sumiram pra Ipatinga, e o pessoal de Ipatinga ficou sabeno, o pessoal que morava em Ipatinga....tudo é Ipatinga....mas lá eles fazem diferenciação do centro, como sendo Ipatinga só ali....então e nisso....rebutaram a cadeiazinha que tinha lá, soltaram os preso tudo, o povo né, e quebraram com a cela e quebraram tudo....e a polícia sumiu, e nós ficamo lá de dia....antes disso, eu voltei na área lá do tiroteio, tinha lá marmita, chinelo, sangue espalhado....dizem que morreu quatorze né....não tinha hospital em Ipatinga, hospital só em Coronel Fabriciano....é....14 km, 13...14 km....esse caminhão Scania, aqueles caminhão....o pessoal pegava o pessoal e jogava em cima do caminhão....*pra mim morreu uns 30, eles fala em 14....então foi tudo pro hospital, aqueles ferido, matô muita gente....aí nos voltamo lá, tinha lá marmita, chinelo, sapato e bicicleta....tudo lá jogado no meio do sangue, aquela confusão....e nisso, depois do almoço, aí o bandeirão....servia de manhã, leite, café, pão com manteiga....aí eles nem pegava vale, a gente tinha um valezinho, pra paga com valezinho né, é, serviu todo mundo e tal....e ficou ali o pessoal zonzano por ali....no dia seguinte, o pessoal foi só (.....) pro alojamento lá no Santa Mônica, era uma grota....saiu a onda lá que tinha polícia em cima dos morro....lá de cima eles podia atirá na gente, o pessoal não abria janela....de jeito nenhum....só pra dormi, tomá banho e dormi....e....e no dia seguinte, voltamo...vamo lá pro Horto....vão tudo pro Horto.... e no dia anterior.”⁵**

Várias das indicações para refletirmos as peculiaridades dos eventos em Ipatinga estão nessas duas citações. No primeiro depoimento, o senhor Edson não arrisca uma estimativa dos mortos, mas aposta em 80 feridos. Ele também acha que a maior parte dos que morreram eram pessoas de idade que não tinham condições de correr. Na segunda narrativa, o entrevistado tem em sua mente que o numero oficial é de 14, mas acha que seriam cerca de trinta, e ainda aponta para um *ceguinho* que morreu na porta do ambulatório da empresa. A esses depoimentos temos que fazer algumas considerações.

Primeiro, o número oficial de mortos se fecha em sete pessoas, dentre essas o topógrafo José Isabel do Nascimento, que circulava entre a multidão fotografando parte do ocorrido. Fotografou inclusive aquele que seria o momento anterior ao tiro de fuzil que levou no braço e lhe tirou a vida e, mesmo assim, não consta como vítima, pois morreu na enfermaria do hospital. Segundo, a estimativa de feridos feita pelo senhor

* Entrevista com o senhor Moacir Lacerda produzida por Paulo Roberto de Souza. Uberaba, 2006.

Edson é inferior a quantidade de pessoas que deram entrada nos hospitais da região com ferimentos à bala. O número real é de cerca de duzentas pessoas feridas, o que deixa muitas dúvidas a respeito de que, se em um universo de duzentas feridas por balas de grosso calibre, somente sete delas morreriam, sendo que a maioria das sete foi atingida na nuca.

Por último, o *ceguinho*, esta figura que foi executada na porta do ambulatório da empresa é sempre lembrada pelos narradores, ora identificado como cego, aleijado, andarilho, mendigo. Nas entrevistas que produzi a partir de 2007, sempre me preocupei com esse personagem, e por coincidência entrevistando um membro da comunidade que vive na região mesmo antes da construção da usina, pude saber a identidade dessa pessoa. Dona Maria Weber de Oliveira, educadora reconhecida na cidade, logo após ser questionada, exclamou: “*é o João Jiló! Ele morava no Barra Alegre, pegava carona no carro de boi para chegar na porta do ambulatório e vender jiló para quem parasse por ali*”^{*}. Era de fato um deficiente físico, não visual, muito menos um pedinte. Ele não andava, mas servia para a comunidade como vendedora de um gênero alimentício. Consta em inúmeras narrativas, mas não consta de registros oficiais.

Nossos entrevistados tendem a não saber o nome ou conhecer de perto alguma vítima, apesar de muitos afirmarem estar lá no dia. Analisando a documentação disponível, vemos que essa indicação não se dirige à outra senão a mais uma problemática das relações estabelecidas pela construção da siderúrgica: o fato de não haver uma organização dos trabalhadores, uma relação estreita entre estes e os que moravam nas regiões próximas da cidade. Em outras palavras, as pessoas não se conheciam. Vemos uma necessidade entre os trabalhadores da Usiminas em se distinguirem dos demais trabalhadores, dos trabalhadores das empreiteiras, ou dos *peões estranhos de outros estados*. Mas mesmo sendo um lugar pequeno o estreitamento dos laços era impedido pela jornada de trabalho diferente da organização social construída anterior e a que se formava com o número crescente de novos habitantes dentre outras coisas.

* Entrevista com Maria Weber de Oliveira produzida em Julho de 2009.

Das sete vítimas fatais oficiais, temos um alfaiate que passava no momento, uma criança de três meses que iria se consultar no ambulatório em frente à portaria da empresa e o restante dos mortos, apesar de operários, são identificados como pertencentes a uma segunda classe de trabalhadores, ou de empreiteiras, ou que ainda não tinham sido empregados. De fato, no primeiro momento, a maior parte dos trabalhadores, mesmo os mais qualificados, foram registrados sob a única função de operador. O que deixa claro que o rodízio de funções era muito grande até o enquadramento em uma seção fixa para o restante da trajetória do trabalhador na empresa, o que dificultaria uma relação mais estreita entre os trabalhadores e uma organização forte, mesmo sindicalizada.

Nesse ponto, vemos que o incidente conhecido como *O massacre de Ipatinga* está relacionado a uma gama de tensões de uma região que primeiro construiu uma siderúrgica, para depois se preocupar com as pessoas que manteriam essa siderúrgica e de que forma estas pessoas poderiam residir.

Não conseguiremos traçar um número relativo das vítimas porque fica evidente que no momento do acontecimento na porta da empresa existia um contingente diversificado demais de pessoas. Operários dos mais diversos setores, gente da cidade, que foram ver o tumulto e todos os que vinham do litoral capixaba rumo a capital e em sentido inverso. Como rastrear essas pessoas se em outubro de 1963 muitas nem estavam em contato com suas famílias ou se comunicavam a distância. Há falta de estatísticas precisas para a violência na região da futura cidade desde o início da construção, o que vemos em vários depoimentos, dentre os quais destacamos este:

SR. MOACIR ME CONTA UMA COISA, SR. ACHA QUE ESSE EPISÓDIO DA POLÍCIA FOI SÓ POR CAUSA DO LEITE?
Não....é...

OU TINHA OUTRA COISA?

Tinha...é como eu te falei, *ocê não tinha tranquilidade nenhuma, todo lugar que você ia, lá em Ipatinga tinha policial....Ipatinga tinha muito mau elemento, na área de baixo que agora é tudo habitado, eu larguei de compra terreno lá baratim....porque eu achei que num ia ficá lá....lá....tinha muito calipto....amanhecia gente morto toda veis, esse peão de empreiteira que brigava e tinha a zona boêmia lá....né...o Juá....Ipatinga no centro era tudo nome as rua, nome de Cidades, o caruru era nome de países....é assim....o castelo por exemplo é nome de minerais né....então é....tinha muita*

desavença nessa zona boêmia, tamém a *peãozada que ia lá (.....) peão, que eles fala de lá, fazia muita bagunça, briga, cachaçada e brigava com a polícia, era uma confusão danada, então é tudo isso.....é.....criava um clima de tensão, né, cê num podia ir num cinema, que saía tava cheio de polícia na porta.....cê não podia nem olhar pro lado deles, se não eles perguntavam que cê tava quereno.....é desse jeito....inclusive na primeira semana que eu tive lá, eu fui num cinema de madeira no Horto(...)*um camarada saiu, padaria ao lado, então o cara colocou o que tava atrás dele, “vigia meu lugar que vou pegá um maço de cigarro ali”, e foi na padaria, foi pegá o maço de cigarro, tava a polícia lá na porta né, hora que ele viu o cara entrá na fila, ele veio, “tá furando fila aí rapá?”.....”não, pergunta ele aqui, sai só pra compra um cigarro ali”....’tá furano fila sim sô”....aí empurrô o cara, o cara xingô o policial.....*o policial pôs a mão na arma assim, antigamente usava 45 né, o cara correu assim, tinha.....passô na agenciuzinha rodoviária.....tinha um....cerca de...asfalto, cerca de arame e o trem da Vale do Rio Doce, os trilhos....o cara pulô aquilo, o soldado deu um tiro atrás dele....pou....né....e o coitado sumiu, num acerto não, mas já pensô quem (.....), nessa época tava já com dez dias que eu tava lá.**

O projeto de industrialização do Governo Vargas foi marcado pela necessidade de evoluir atendo certos setores que mantinha vínculos com a Republica Velha, na disputa pela primeira siderúrgica no Brasil, Minas Gerais perdeu para o Rio de Janeiro, mas em seguida constrói seu projeto próprio que seria a Cia. Belgo Mineira. Com a encampação da EFVM e a Itabira Iron surge a Cia. Vale do Rio Doce, ainda do espolio de Percival Farquhar restou como herança no vale a Acesita em Timóteo. Com a Usiminas a construção do Vale do Aço toma seu impulso final e conclusivo. Hoje temos um conjunto de três cidades bem urbanizadas que são somadas a mais quatorze pequenas cidades que não dispõem de tal grau de urbanização.

No conjunto esses foram apontamentos sobre as formas como as pessoas vivenciaram a experiência de uma construção de usina numa vila do leste de Minas Gerais a parti da segunda metade da década de 50. Como viveram e experimentaram um dos vários projetos de desenvolvimento brasileiro. Hoje a cidade de Ipatinga possui cerca de 260 mil habitantes e a Usiminas é uma das usinas siderúrgicas mais lucrativas da America Latina e do mundo.

BIBLIOGRAFIA (sem relação de entrevistas)

- ARARIPE, D. de Alencar. *História da estrada de ferro Vitória/Minas (1904-1954)*. Rio de Janeiro, março de 1954.

* Entrevista com o senhor Moacir Lacerda produzida por Paulo Roberto de Souza. Uberaba, 2006.

- CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. *Conciliação, reforma e resistência: governo, empresários e trabalhadores em Minas Gerais nos anos 50*. Universidade de São Paulo, tese de doutorado, São Paulo, 1998.
- DINIZ, Clécio Campolina, *Estado e capital estrangeiro na industrialização mineira*. Universidade Federal de Minas Gerais, dissertação de mestrado, Belo Horizonte, 1981.
- GUERRA, João Batista. *Vazio Verde - O amanhecer de Ipatinga*. Ipatinga-Mg: Empresa Jornalística Revisão, Janeiro de 1977.
- MENDONÇA, Sonia R. de. *Estado e Economia no Brasil: Opções de desenvolvimento*. Biblioteca de História, vol.:14. Rio de Janeiro,Rj.
- Prefeitura Municipal de Ipatinga. *Homens em Serie: A Historia de Ipatinga contada por seus próprios personagens*. Vol.1. Ipatinga: Empresa Jornalística Revisão, Outubro de 1991. Vol.2, Julho de 1992.
- RAMALHO, Marilena de Assis Tuler. *O Massacre de Ipatinga: o contexto sócio- político do Golpe Militar de 1964 através de um estudo de caso*. Universidade Severino Sombra, dissertação de mestrado. Vassouras, RJ, 2006.
- SOUZA, Paulo Roberto de. *1954 – Cultura, trabalho e conflitos em Ipatinga nos anos 60*. Universidade Federal de Uberlândia, dissertação de mestrado, Instituto de História, Uberlândia – MG, 2007.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operaria Inglesa*. Volume 2 A maldição de adão. Cia das Letras, São Paulo, 1984.